

Fundação Universidade Federal do Rio Grande

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

Volume 18, janeiro a julho de 2007

CONCEPÇÃO DE AMBIENTE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE EDUCADORES E EDUCADORAS DE UMA ESCOLA DE FORMAÇÃO INICIAL EM PEDAGOGIA, NÍVEL MÉDIO

Luciene Gonçalves Rosa ¹
Valderi Duarte Leite ²
Monica Maria Pereira da Silva ³

RESUMO

A forma como o ser humano se relaciona com o meio ambiente está de acordo com a sua percepção, ideologias e conhecimento prévio. Assim, Educação Ambiental é um dos caminhos viáveis por aspirar mudanças de percepção ambiental da sociedade atual. Este trabalho teve por objetivo identificar a percepção ambiental e de Educação Ambiental dos educadores e educadoras de uma Escola de Formação Inicial em Pedagogia, nível médio. Trata-se de uma pesquisa participativa, realizada no período de março a outubro de 2001, com 65% dos profissionais da educação das diversas áreas do conhecimento. Os dados foram coletados através de mapa mental, questionário em forma de trilha, dinâmicas e observação participante. Constatou-se que os educadores e educadoras, em sua maioria, percebiam o Ambiente natural, e mesmo os que colocaram o Ambiente construído, o apresentaram com o mínimo de alteração do ser humano; colocaram também que não conhecia nenhum documento referente ao Ambiente. Quanto a

¹ Bióloga pela Universidade Estadual da Paraíba; Mestranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente PRODEMA/Universidade Federal da Paraíba/Universidade Estadual da Paraíba, s/n. Cep 58.109.753. João Pessoa/PB. E-mail: luciene-cg@hotmail.com/ lurosa_ea@yahoo.com.br
Secretaria de Educação da Cidade de Campina Grande.

²Engenheiro Civil/UEPB; Mestre em Engenharia Civil; Doutor em Engenharia Civil – EESC/USP; Professor da UEPB/CCT/DQ.

³Bióloga pela Universidade Estadual da Paraíba; Especialista em Educação Ambiental/UEPB; Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pelo PRODEMA/UFPB/EUPB; Professora da UEPB/DFB-NEEA.

concepção de Educação Ambiental, há hegemonia de uma visão ecológica, preservacionista. Além disso, a grande maioria defende a sua práxis enquanto disciplina. Demonstrando contradições quando afirmam que a mesma deve ser realizada por todos os segmentos da sociedade. Por conseguinte, é imperativa a urgência de se investir na sensibilização dos educadores e educadoras, em todos os níveis e modalidades de Ensino, inclusive e, essencialmente, na Escola de Formação Inicial.

Palavra-chave: Percepção Ambiental, Educação Ambiental, Formação Pedagógica.

ABSTRACT

The way mankind makes relation to the environment issues is related to it's own way of perception, ideology and previous knowledge. Therefore, Environmental Education is a good method to get changes is the social perception about environment. The aim of this paper is identifying the perception of educators about environment in a elementary school of pedagogic studies. The research involved 65% of professionals from several fields and it was fulfilled in the period of march to october of 2001. The data were collected through mental map, questionnaire in trail form, dynamic activities and observation. It was verified that the majority of educators used to perceive the natural environment without the human interference. They pointed aut hhat they used not to know any document related to the environment. In relation to the conceptin of environmental education, there is a high predominance of a ecologic view. Furthermore, the great majority of educators is in fawor of it's practice as a subject matter, showing thus contradictions when they affirm that it must be fulfilled by all segments of society. Consequently, it is important to rise the investment in the educators' perception about environment matters in all levels of teaching, mainly in school of Initial Formation.

Keywords: Environmental perception, Environmental Education, pedagogic Formation.

1. INTRODUÇÃO

A preocupação da humanidade, no início deste século, está voltada para a gravidade da questão ambiental, e se estende pelos âmbitos sócio-político e econômico. Esta situação, em parte é proveniente da cultura adotada pela civilização, que se apropriou dos recursos naturais de forma insustentável. Pautados numa visão imediatista e fragmentada, a qual só percebe as vantagens que podem usufruir momentaneamente, e se esquecem de que somos parte da Natureza, e como tais, não podemos nos desvincular, pois como afirma Odum (1982) apesar de todas as tecnologias, a dependência continua.

Na realidade, a forma como o ser humano se relaciona com o Ambiente passa por um processo cognitivo, bem mais complexo, da percepção que possibilita ao ser humano manter uma relação com o Mundo, com o seu Ambiente, com as pessoas e consigo mesmo e que, segundo Teles (1990), “é um fenômeno mental dinâmico. Ao percebermos algo, não a percebermos estaticamente, mas dentro de um processo dinâmico de mudanças”, ou seja, o Ambiente não é o

mesmo para todos, “seu mundo é seu mundo pessoal e é diferente do mundo dos outros homens” (KRECH e CRUTCHFIELD, 1980). Nessa perspectiva, o Ambiente real não é percebido. Há um mundo individual, imaginário e esse mundo individual é influenciado por seus estados imediatos e temporários de necessidade, e seu conjunto de experiências (KRECH e CRUTCHFIELD, 1980, loc cit.).

Gaarder (1997) expressa claramente a relação das sociedades com o Ambiente quando coloca que, “não vivemos apenas o nosso tempo. Carregamos conosco também a nossa história”. E que podem ser evidenciados nas diversas mudanças culturais ocorridas na relação do ser humano-Ambiente no decorrer da própria história da humanidade.

A percepção ambiental pode ser considerada como a “forma que o indivíduo ou grupo social, vê, compreende e se comunica com o Ambiente” (ROSA, 2000), sendo que esta maneira de reagir diante do Ambiente passa por um emaranhado de complexas relações, resultantes da junção de manifestações psicológicas (conscientes e inconscientes), ideologias contidas nos valores culturais da sociedade vigente, como também da bagagem cultural que nos foi passada por nossos antecedentes e que são apenas modificadas ou são acrescentados outros pensamentos.

Assim, é imprescindível em qualquer trabalho ou programa onde ocorrerá intervenção junto à determinada escola ou comunidade, a identificação da percepção dos envolvidos no processo, pois, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) a idéia para o qual se vem dando ao meio ambiente não configura um conceito que possa ou que interesse ser estabelecido do modo rígido e definitivo. É mais relevante estabelecê-lo como uma representação social, isto é, uma visão que evolui no tempo e depende do grupo social em que é utilizado, pois são nessas representações que deve ocorrer as intervenções.

A idéia de Ambiente como representação social, deixa explícita a inadequação da epistemologia da palavra definição para o Ambiente. Isso porque definição denota algo concreto e acabado, que não é o caso do conceito de Ambiente, haja vista que cada grupo de atores sociais envolvidos no processo demonstrará concepções diferentes. Aliás, não só do Ambiente, mas, numa identificação dos problemas ambientais, a comunidade irá apontar aqueles problemas que mais lhes afligem. Trabalhos, como (LEÔNICIO e GENUINO e SILVA, 2001) (CABRAL e SILVA, 2001); (SILVA, 2002); (PEQUENO, 2001); (ROSA e SILVA, 2001), (SILVA e ROSA, 2002) respaldam a importância da percepção ambiental, enquanto instrumento de sensibilização para Educação Ambiental.

Por isto, nesse trabalho, procuramos verificar a Percepção Ambiental e da Educação Ambiental, dos educadores e das educadoras de uma Escola de Formação Pedagógica de nível Médio da cidade de Campina Grande/PB, tendo em vista a relevância da participação dos atores sociais envolvidos no processo, já que esta é essencial para a realização da Educação Ambiental.

2. METODOLOGIA

2.1. Caracterização da Pesquisa

O trabalho retrata uma pesquisa participativa realizada no período de março a outubro de 2001, com 65% dos profissionais da educação das diversas áreas de Escola de Formação Inicial Pedagógica de nível médio de Campina Grande/PB.

A pesquisa participativa na visão de THIOLENT (1998) estabelece relações comunicativas com pessoas ou grupos investigados no intuito de serem melhores aceitos, enquanto desempenham papel no equacionamento das soluções de problemas encontrados durante a pesquisa.

Brandão (1990), acrescenta que a pesquisa participante deve estar aliada à ação educativa, deve ser uma forma de compreensão da realidade, com o intuito de transformação social. Coloca ainda, que é uma pesquisa que não se preocupa apenas com uma atitude do cientista para conhecer melhor a cultura que pesquisa. Envolve, acima de tudo, um compromisso que subordina o próprio projeto científico de pesquisa ao projeto político dos grupos populares cuja situação de classe, cultura ou História se quer conhecer, porque se quer agir.

Deste modo, a pesquisa em percepção ambiental é um exemplo típico de pesquisa social, pois, possibilita aos indivíduos ou comunidades envolvidas na pesquisa, compreenderem melhor o Ambiente, até mesmo identificando seus problemas ambientais, tornando-se sujeitos participativos e contribuindo para a reconstrução da sua História, de maneira a melhorar sua qualidade de vida. Além disso, o estudo da percepção possibilita a realização da pesquisa ao mesmo tempo em que ocorre a sensibilização, estando em consonância com uma das metodologias mais indicadas para trabalhos em Educação Ambiental.

Assim, optamos por este tipo de pesquisa devido à necessidade de sensibilizar ao mesmo tempo que pesquisávamos. A realização da pesquisa se deu no período de março a outubro de 2001.

2.2 Localização da Escola Pesquisada

O município de Campina Grande está localizado no alto da serra da Borborema, ocupa a porção central oriental do estado da Paraíba, com uma área de 970Km. Tem uma população aproximadamente de 400 mil habitantes. Hoje Campina Grande conta com um conjunto de profissionais qualificados, o que a caracteriza como exportadora de projetos tecnológicos para os mercados da China, Estados Unidos e Europa. A cidade é palco de vários eventos turísticos, culturais e artísticos integrados ao calendário regional e até nacional: o Maior São João do mundo, Micarande (carnaval fora de época), Festival de Inverno e Encontro para Nova Consciência.

Dentro as escolas existentes na cidade, a Escola pesquisada se destaca como a única a funcionar com o Ensino Médio Profissionalizante, na modalidade Pedagógico - antigo Normal.

Os atores sociais envolvidos nessa pesquisa foram os profissionais da educação das diversas áreas do conhecimento, que juntos, totalizaram cerca de 51, e indiretamente, as educandas e educandos do ano letivo referente a pesquisa.

Destes profissionais, cerca de 65% participaram dessa pesquisa, nas mais diferentes áreas de conhecimento. Por estes atores sociais, acreditamos ser mais conveniente adotarmos a nomenclatura de educadores e educadoras, ao invés de profissionais da educação.

2.4. Instrumentos de Coleta e Análise de Dados

Para coleta dos dados foram estratégias baseadas no Modelo Dinâmico para Construção e Reconstrução do Conhecimento voltado para o meio ambiente (MEDICC) proposta por Silva (2000; 2002a; 2002b), que permite a coleta de dados simultaneamente a sensibilização, utilizando estratégias metodológicas como: questionário em forma de trilha, matrizes, mapa mental (desenhos com representação de Ambiente), análise de frases, palavras-chave, diversas dinâmicas, jogos e confraternização.

A técnica do questionário em forma de trilha foi utilizada da seguinte maneira: primeiro ocorreu a organização de caixinhas com as seguintes perguntas abertas referentes à Educação Ambiental: o que é Educação Ambiental? Para que realizar Educação Ambiental? Quando realizar Educação Ambiental? Educação Ambiental deve ser disciplina? Você conhece algum documento relacionado com o Ambiente? À medida que os educadores e educadoras percorriam a 'trilha' retiravam e respondiam a pergunta encontrada em cada caixinha.

Outras estratégias como o mapa mental - desenhos com representação de Ambiente, análise de frases (levando-se em consideração o núcleo central) foram instrumentos para a identificação da percepção dos educadores e educadoras quanto ao Ambiente. Além de matrizes para a realização do diagnóstico sócio-ambiental dos problemas ambientais que mais afetam esses atores sociais.

Todos estes métodos utilizados fizeram parte de um conjunto de estratégias metodológicas de sensibilização e contribuíram para a estruturação de outros encontros - a exemplo dos resultados dos desenhos e do questionário em forma de trilha, os quais foram amplamente debatidos à luz do referencial teórico junto com os atores sociais, por meio de construção de textos verbal e não verbal - leituras dinâmicas de músicas, capítulos de livros, textos, charges referentes à Política Nacional de Educação Ambiental, Lei 9.795/99.

Os dados foram analisados de forma quantitativa e qualitativa, utilizando a triangulação, a qual no entender de Thiollent (1998) possibilita que os resultados tenham mais credibilidade, por serem quantificados, mas também descritos, de maneira a não perde sua essência, a valorização da visão dos atores sociais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Identificação da visão de Ambiente dos/as educadores/as:

Através da técnica dos desenhos, os educadores e educadoras representaram a impressão que cada um tinha do Ambiente, nos proporcionando constatar a hegemonia da visão de Ambiente Natural, cujo percentual equivaleu a 58% dos resultados.

Podemos constatar ainda que grande parte dos educadores e educadoras não insere o ser humano no Ambiente, como mostra a Figura 01. Para explicarmos tal concepção, é relevante, a princípio, compreendermos que essa relação do ser humano com o Ambiente está fundamentalmente ligada aos paradigmas científicos e sociais que constituem a ideologia da sociedade, pois, à medida que a Ciência influencia e é influenciada pela sociedade, torna-se sujeito-objeto e, como consequência, constrói e reconstrói juntamente com outros fatores, os sistemas de valores que caracterizam a cultura, contribuindo com a formação da percepção ambiental da sociedade em questão e das futuras gerações, visto que, essas visões de mundo são transmitidas e arquivadas como bagagem cultural, que, de certa maneira, determinará o modo como os seres humanos irão agir na Natureza e sobre a Natureza (RAPPAPORT, 1982).

Assim, a visão de mundo da sociedade atual de certo modo, vem sendo construída desde épocas remotas. E se analisarmos mais profundamente essa percepção de Ambiente Natural, podemos reconhecê-la como resquícios dos paradigmas implantados pela ciência antiga, onde a humanidade percebia a Natureza como Divina, mística (JAPIASSU, 1991), Com o surgimento da ciência antiga, por meio das diversas teorias filosóficas, ocorrem mudanças de percepção. A natureza deixa de ser considerada mística, sujeito central, para se tornar objeto, enquanto o ser humano ocupa o lugar de sujeito. Esse modo de pensar teve seu apogeu na Idade Média, onde o ser humano passa a ser considerado superior aos demais seres da Natureza.

Tal idéia de superioridade foi corroborada pela ciência moderna perpassando o tempo, até a atualidade, através da ideologia da sociedade vigente, como demonstra a representação dos educadores e educadoras, expressa na Figura 01. Mesmo sendo de áreas diferentes, a concepção da maioria foi de um Ambiente onde o ser humano está ausente. Essa visão também converge com os trabalhos de Silva (2000; 2001; 2002); Pequeno (2001); Vieira, (2000).



Figura 01 : Representação de Ambiente Natural de um dos educadores

Algumas expressões dos educadores e educadoras, obtidas por meio da avaliação de frases, afirmam a mesma linha de pensamento expressa na técnica dos desenhos, demonstrando, mais uma vez, que o imaginário revela um Ambiente Natural, identificando novamente a herança proveniente dos paradigmas da Ciência Clássica.

“É o meio ambiente em que vivemos”;

“É o lugar onde estamos”

“São árvores, matas, animais”

Apesar do percentual de Ambiente construído ter sido bastante significativo, correspondendo a 42% dos resultados, é interessante notarmos que, mesmo revelando um Ambiente construído, estes educadores e educadoras ainda expressam o mínimo de ação antrópica, o que de certo modo, ainda enuncia um Ambiente natural, indicando que, mesmo quando é percebido enquanto Construído, há predomínio da Natureza, prevalecendo à visão “ecológica preservacionista” (SOUZA, 2000), ou seja, mesmo estando em um Ambiente urbano demonstram não haver espaço para o desenvolvimento tecnológico.

No imaginário dos educadores e educadoras constatamos uma discrepância no que expressam e o que realmente desejam, visto que, ao perguntamos quem gostaria de voltar a viver sem as invenções tecnológicas, se não todos, a maioria afirma que necessitaria delas. Tais respostas nos mostram que necessitamos de um consórcio satisfatório entre os aspectos econômicos e ecológicos. Precisamos investir mais em tecnologias que não agridam o Ambiente. Ninguém pode retroceder. Apesar de haver muitas invenções supérfluas, há inúmeras importantes e úteis que trouxeram muitas melhorias a nossa qualidade de vida.

É interessante ressaltarmos ainda, a falta de contemplação da paisagem da nossa região. É questão bastante séria, principalmente vindo de educadores e educadoras de uma Escola de Formal Inicial, os quais irão transmitir essas visões para futuros/as educadores/as, da primeira fase do Ensino Fundamental, propagando-se, com efeito, informações reducionistas, fragmentadas do Ambiente, ausentes de conhecimentos contextualizados e com indivíduos incapazes de entenderem e reconstruírem a sua própria história.

3.2. A Legislação Ambiental e o conhecimento dos/as Educadores/as;

Considerando que a questão ambiental é intensamente complexa e abrangente, existindo ainda muitas dificuldades na sua difusão e na construção de uma “consciência coletiva”, e que um dos fatores que influenciam este retardamento é a falta de conhecimento da própria questão ambiental e a ausência de conhecimento das leis, das Políticas que regem o Ambiente. Mediante a relevância desta questão procuramos identificar quais os conhecimentos dos educadores e educadoras, relacionados à Legislação Ambiental.

Conforme os resultados presentes no Gráfico 01, 54% dos educadores e educadoras não conheciam nenhuma Lei ou documento referente ao Ambiente. Tal fato demonstra a falta de informação, de conhecimento no tocante à temática ambiental.

Essa lacuna referente à questão ambiental, presente na educação de modo geral, contrapõe-se a um dos princípios essenciais da educação, que é o de promover a criticidade, de cujo desenvolvimento dependerá o diálogo entre educadores/educadoras e educandas/educandos, pois, como afirma Severino (1994) somente a partir do diálogo, da reflexão geradora da ação, é que poderá haver a concretização da educação, que é de construção da cidadania.

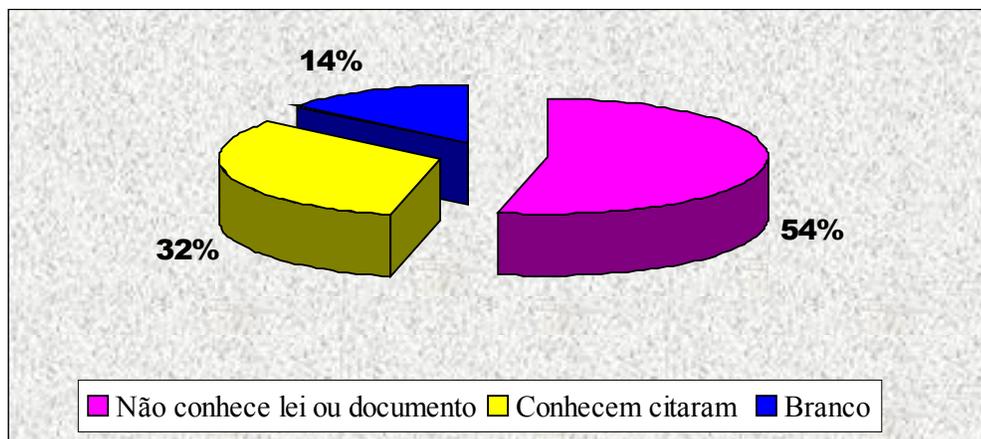


Gráfico 01: Conhecimento de alguma Lei ou Documento referente ao Ambiente.

Por outro lado, também percebemos, dentre as respostas dadas pelos/as educadores/as, que, cerca de 32%, disseram conhecer alguma Lei ou documento referente ao Ambiente, citando a Constituição, a Lei de Crimes Ambientais e o Documento da Eco92. Apesar da importância da referência dessas leis, é lamentável que nenhum dos/as educadores/as tenha citado a Lei 9.795/99, referente à Política Nacional de Educação Ambiental, (BRASIL, 1999).

Os resultados dos educadores e educadoras respaldam ainda mais a necessidade da inserção da dimensão ambiental nos Cursos de nível Superior e para a Formação Continuada, como descreve a Política Nacional de Educação Ambiental em seu (Art. 9º), de maneira a apoiar tais atores sociais a introduzirem coerentemente a temática ambiental em suas ações, nos currículos escolares, de modo amplo, crítico e político.

Permanecendo nesse está ótica de compromisso perante o Ambiente, perguntamos aos educadores e educadoras a quem competia à responsabilidade do Ambiente. O resultado foi

surpreendente, ao responderem que a responsabilidade competia a “todos”. Tais resultados, demonstrados no Gráfico 02, estão em concordância com os/as educadores/as, que relataram conhecer alguma Lei, sobretudo, aqueles que destacaram a Constituição Federal (1988), em seu capítulo referente ao Ambiente (Art. 225º).

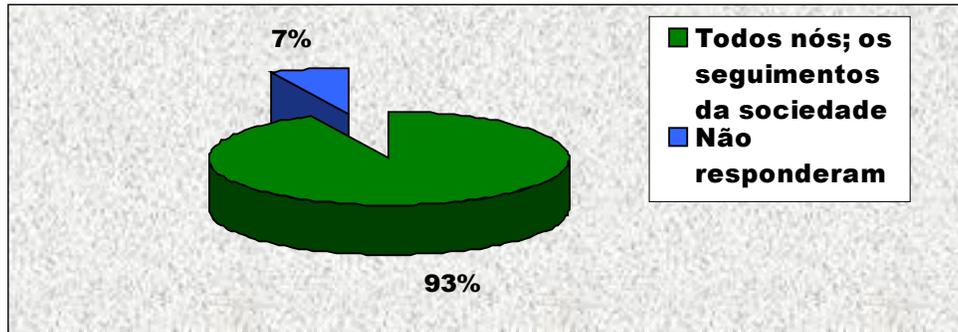


Gráfico 02: Quem é responsável pelo Ambiente?

3.3. Concepção de Educação Ambiental:

Sabendo que não existe uma definição concreta para a Educação Ambiental, visto que ela está ainda em construção, e salientando ainda, a relevância de trabalharmos a partir da realidade local, procuramos identificar qual a concepção de Educação Ambiental dos educadores e educadoras.

A concepção de Educação Ambiental, citada pelos educadores e educadoras foi classificada em 10 categorias: educação (32%); forma de conscientização (18%); forma de convívio (11%) relação harmônica ser humano-Ambiente (11%); preservação (7%); gerenciamento da natureza (4%); conservação da Natureza (4%); habitat natural (4%); vida (4%); solução para os problemas (5%).

Tabela (01): Categorias de Educação Ambiental apresentada pelos educadores e educadoras

CATEGORIA	ÍNDICE PERCENTUAL (%)
Educação	32
Forma de Conscientização	18
Forma de Convívio	11
Relação harmoniosa ser humano-ambiente	11
Preservação da Natureza	7
Solução para os problemas	5
Conservação da Natureza	4
Habitat Natural	4
Vida	4
Gerenciamento da Natureza	4

Os resultados, apresentados na Tabela 01, revelam que grande parte dos educadores e educadoras não entende a Educação Ambiental como um processo educativo, divergindo dos princípios e objetivos sobscritos na Conferência de Tbilisi (1977) e da própria Política Nacional de Educação Ambiental, que a destaca como “um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal” (BRASIL, 1999).

Verificamos, ainda, que a Educação Ambiental é vista pelos educadores e educadoras como um meio para alcançar mudanças na relação ser humano-Ambiente; e que, dentre estes, alguns/algumas apresentam uma visão salvacionista da Educação Ambiental, pois não entende a posição crítica, política da Educação Ambiental (GUIMARÃES, 2000). Ao invés disso, colocam-na numa posição romântica.

Percebemos que ainda há muita confusão conceitual entre a Educação Ambiental e a Ecologia Naturalista, da mesma forma quando expressam termos como preservação, conservação, habitat natural. Porém, esta confusão não é recente. Ao nos deportamos para a literatura, vemos que está presente desde a estruturação da Educação Ambiental, pois, seus conceitos seguiram, a princípio, caminhos análogos ao da Ecologia, chegando mesmo, no início a ser considerada como ramo dessa Ciência, como enfatiza Lago e Pádua (1984).

Consideramos interessante também às categorias referentes a relação saudável, harmoniosa entre ser humano-Ambiente e gerenciamento da Natureza. Apesar de estar clara uma evolução - já que alguns colocam Ambiente ao invés de Natureza, assim como o termo gerenciar, onde podemos inferir que já existe um entendimento da questão do esgotamento dos recursos naturais, é preciso que se compreenda a visão ecossistêmica, pois somente reconhecendo a

interdependência fundamental de todos os fenômenos e o fato de que enquanto indivíduos, seres vivos, fazemos parte dos processos cíclicos da Natureza, dos quais somos todos dependentes - é que os educadores e educadoras poderão lutar por uma “Pedagogia da Terra” que, conforme Gadotti (2002), é a pedagogia apropriada a esse momento de reconstrução paradigmática, que emerge na educação, que propõe um conjunto de saberes/valores interdependentes.

Em uma outra abordagem, questionamos os educadores e educadoras, a respeito da importância da realização da Educação Ambiental. Os resultados, descritos na Tabela 02, englobaram diversas compreensões, estando algumas em consonância com as concepções de Educação Ambiental apresentadas anteriormente, novamente demonstrando uma visão preservacionista, confusão entre termos preservação versus conservação, a visão espiritualista da Natureza.

No entanto, analisamos que um percentual significativo destacou a Educação Ambiental como de relevância para melhorar a qualidade de vida, o que mostra que eles já estão sensibilizados quanto à importância de um Ambiente “saudável”, “limpo”, como foi citado, para melhorar a qualidade ambiental. Porquanto, tal necessidade implica na promoção de condições básicas necessárias para os indivíduos como a alimentação, saúde, moradia, transporte, segurança pública e social, educação qualitativa, dentre outros fatores.

Outra compreensão que merece enfatizarmos é a relevância da Educação Ambiental enquanto forma de se refletir as atitudes perante o Ambiente. Essa perspectiva é a mais próxima da Educação Ambiental como processo educativo, haja vista que conforme Freire (1987) a reflexão é essencial ao processo educativo, pois, toda ação é proveniente de uma reflexão.

Tabela 02: Importância da Educação Ambiental na visão dos/as educadores/as

IMPORTÂNCIA	ÍNDICE PERCENTUAL (%)
Melhorar a qualidade de vida	50
Proteger a natureza	11
Preservar o ambiente	11
Refletir e provocar mudanças	8
Conservar o ambiente	4
Amar a natureza	4
Para viver em perfeito equilíbrio	4
Ensinar a conviver no ambiente	4
Por ser importante	4

Indagamos os educadores e educadoras com relação à viabilidade da realização da Educação Ambiental enquanto disciplina inserida no currículo escolar.

Os resultados apresentados no Gráfico 03, abaixo, mostram que a maioria, cerca 82% dos educadores e educadoras, afirma que a Educação Ambiental deve estar presente no Currículo Escolar como disciplina, ao passo que apenas 18% disseram que não. Estes resultados comprovaram a predominância de uma visão distorcida de Educação Ambiental e o desconhecimento dos seus princípios norteadores, pois os documentos como a Política Nacional de Educação Ambiental destacam como características peculiares a Transversalidade e Interdisciplinaridade. Os textos expõem, no II Capítulo (Art. 9º), a proibição da implantação da disciplina Educação Ambiental, com exceção para os cursos de Pós-graduação. Ademais, os PCNs (1997), trazem o tema Meio Ambiente como transversal, no intuito de que a educação incorpore a dimensão ambiental numa “perspectiva que evidencie as inter-relações e interdependências dos diversos elementos na constituição e manutenção da vida”.

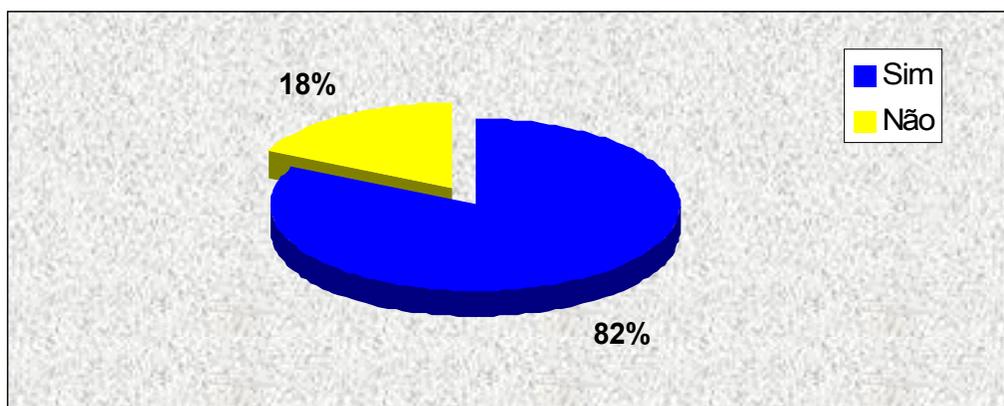


Gráfico 03: Educação Ambiental deve ser uma disciplina?

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as representações de meio ambiente da maioria dos educadores e educadoras, assim como a ausência de conhecimentos da legislação e da própria educação ambiental pode-se constatar a urgência de se investir no processo de sensibilização de educadores e educadoras, de forma a possibilitar a ampliação dos conhecimentos referentes a leis regentes das complexas relações presentes na Natureza, e das intrincadas relações sociais, econômicas, políticas, éticas e culturais, de maneira a mudar a percepção de meio ambiente, contribuindo para que se tornem profissionais e cidadãos mais críticos, dinâmicos, afetivos, e que lutem por uma sociedade mais justa e ambientalmente sustentável.

No contexto da Escola pesquisada, salientamos também a relevância da formação inicial e continuada dos educadores e educadoras, como destaca a Política Nacional de Educação Ambiental (1999), tendo em vista que estes têm uma dupla responsabilidade, pois, além de contribuírem para o desenvolvimento de cidadãos, estão fomentando futuros educadores e educadoras.

Mas, somente a sensibilização e formação dos educadores e educadoras não são suficientes para que a questão ambiental faça parte do cotidiano da Escola, é preciso que haja uma ampla revisão nos métodos pedagógicos de forma que possa permitir repensar e reelaborar o saber, na medida em que se transformam as práticas pedagógicas correntes de transmissão e de assimilação do saber preestabelecido e fixado em conteúdos curriculares e nas práticas de ensino (Leff, 2001), envolvendo assim, um maciço envolvimento da Escola; que esta se assuma enquanto dimensão do processo educativo; que a Educação Ambiental passe a fazer parte do seu currículo, de tal modo que seja enfatizada de forma a percorrer todas as disciplinas do currículo, a interdisciplinaridade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa Participante**. 8ªed. São Paulo: Brasiliense S/A, 1990.

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição Federal do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Secretária de Educação Fundamental. Brasília, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros em ação de Meio Ambiente**. Secretária de Educação Fundamental. Brasília, 1997.

BRASIL, **Política Nacional de Educação Ambiental**. Brasília, 1999.

CONFERENCIA INTERGOVERNAMENTAL SOBRE MEIO AMBIENTE. TBILISI, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GAARDER, Jostein. **O Mundo de Sofia** - Romance da História da Filosofia. 24ª Edição. São Paulo: Schwarcz LTDA, 1997.

GADOTTI, Moacir. Pedagogia da terra e cultura. **Revista Pátio**. Nº 19, Ano V; Nov. 2001/ Jan. 2002.

GUIMARÃES, Mauro. **Educação Ambiental: Um consenso em debate**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

JAPIASSU, Hilton. **As Paixões da Ciência**; Origem das Relações entre Saber e Poder. São Paulo: Letras & Letras. 1991.

KRECH, David; CRUTCHFIELD, Richard S. **Elementos de Psicologia**. Tradução de Dante Moreira Leite e Miriam L. Moreira Leite. 6ª Edição. São Paulo: Pioneira, 1980.

LAGO, Antônio e PADUA, José Augusto. **O que é Ecologia**. 1ª edição. São Paulo: Brasiliense S/A, (Coleção Primeiros Passos)1984.

LEÔNICIO, Iara Amorim e SILVA, Mônica Maria Pereira da e GENUINO, Alcicleide Porto. Brincando e aprendendo em educação ambiental. **In Anais eletrônico do 21º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental**. João Pessoa, 2001.

ODUM, Eugene. **Ecologia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

PEQUENO, Maria Gorete C. **Educação Ambiental e a Questão da Transversalidade**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente)-Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 2001.

RAPPAPORT, Roy. A Natureza, cultura e Antropologia ecológica. **Shapiro, Harry L.:** homem, cultura e sociedade. São Paulo: Martins Pontes.

ROSA, Luciene Gonçalves. **Educação Ambiental um caminho viável**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas)- Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2000.

ROSA, Luciene Gonçalves, e SILVA, Monica Maria Pereira da. Educação ambiental proporcionando mudanças. **In Anais eletrônico do 21º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental**. João Pessoa, 2001.

ROSA, Luciene Gonçalves e SILVA, Monica M^a. Pereira da. Percepção ambiental de educandos de uma escola do ensino fundamental In: **Anais eletrônico do VI Simpósio Italo-Brasileiro De Engenharia Sanitária e Ambiental**, Vitória/Es, 2002.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Filosofia da Educação**; Construindo a cidadania. São Paulo; FTD, 1994.

SILVA, Monica Maria Pereira da. Estratégias em Educação Ambiental. 2000. Dissertação. (Mestrado em desenvolvimento e Meio Ambiente/ PRODEMA) UFPB/UEPB. Campina Grande.

SILVA, Monica Maria Pereira da e LEITE, Valderi Duarte. Percepção Ambiental de educadores de Escolas do Ensino Fundamental da rede pública municipal de Campina Grande. In **Anais XXVII Congresso Interamericano De Engenharia Sanitária E Ambiental**. Porto Alegre, 2000.

SILVA, Monica Maria Pereira da & LEITE, Valderi Duarte. Percepção ambiental dos educadores de Biologia. In **Anais do XXVII Congresso Interamericano De Engenharia Sanitária E Ambiental**. Porto Alegre, 2000.

SILVA, Monica Maria Pereira da e LEITE, Valderi Duarte. Percepção da relação ser humano meio ambiente de educadores do ensino fundamental da cidade de Campina Grande – PB. **Anais do 21º Congresso Brasileiro De Engenharia Sanitária E Ambiental**. João Pessoa, 2001.

SILVA, Monica Maria Pereira da. Instrumentos de pesquisa para identificação da percepção ambiental. In **Simpósio De Etnobiologia E Etnoecologia**. Recife. 2002a.

SILVA, Monica Maria Pereira da. Meio ambiente na visão de educadores do sertão paraibano. In **Simpósio De Etnobiologia E Etnoecologia**. Recife. 2002.

SOUZA, Nelson Mello. **Educação ambiental**; dilemas da prática contemporânea. Rio de janeiro: Thex Ed: Universidade Estácio de Sá, 2000.

TELES, Antônio Xavier. O que é inteligência. In: **Psicologia moderna**. São Paulo:Ática, 35ºed. 1999.

THIOLLENT, Michael. **Metodologia da pesquisa ação**. 8ªed. São Paulo: Cortez, 1998.

VIEIRA, Maria Madalena de Paiva. **Educação Ambiental, na Escola Normal Estadual Padre Emídio Viana Correia** – Trabalho de Conclusão de Curso. (Especialização)- Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande; 2001.